

“Extender e impulsar las ideas por las que ofrendó su vida”: a construção de Nilton

Rosa da Silva como um mártir da esquerda revolucionária chilena

Mauricio Brum¹

Resumo: O presente artigo analisa as apropriações políticas da morte do exilado brasileiro Nilton Rosa da Silva, militante do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) chileno. Membro da Frente de Estudiantes Revolucionarios (FER), braço universitário do MIR, Nilton da Silva participava de uma manifestação favorável ao governo de Salvador Allende quando foi assassinado por elementos da Frente Nacionalista Patria y Libertad, organização ultradireitista que lutava pela derrubada do presidente. Sua morte, ocorrida em 15 de junho de 1973, tem a peculiaridade de ter acontecido *antes* do golpe de Estado liderado por Augusto Pinochet, num momento de grave crise política, econômica e social no Chile. Essa circunstância é determinante na maneira como o evento é utilizado na retórica do MIR: nas semanas seguintes à sua morte, Nilton Rosa da Silva passará a ser construído como um mártir da esquerda revolucionária chilena, dentro das tentativas do MIR para se aproximar da esquerda “tradicional” (que compunha a coalizão allendista). Tais discursos tinham como objetivo a radicalização dessas outras facções da esquerda – até então confiantes na legalidade como forma de manter Allende no poder – na direção da chamada “via rupturista” e do caminho armado para conter os ataques da direita.

Palavras-chave: Golpe de Estado no Chile; Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR); Nilton Rosa da Silva.

Resumen: Este artículo analiza las apropiaciones políticas de la muerte del exiliado brasileño Nilton Rosa da Silva, militante del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) chileno. Miembro del Frente de Estudiantes Revolucionarios (FER), brazo universitario del MIR, Nilton da Silva participaba de una manifestación favorable al gobierno de Salvador Allende cuando fue asesinado por elementos del Frente Nacionalista Patria y Libertad, organización ultraderechista que luchaba por el derrumbe del presidente. Su muerte, ocurrida el 15 de junio de 1973, tiene la particularidad de haber sucedido *antes* del golpe de Estado liderado por Augusto Pinochet, en un momento de grave crisis política, económica y social en Chile. Ésa circunstancia es determinante en la manera como el suceso es utilizado en la retórica del MIR: en las semanas subsecuentes a su muerte, Nilton Rosa da Silva pasará a ser construido como un mártir de la izquierda revolucionaria chilena, dentro de las tentativas de MIR para acercarse de la izquierda “tradicional” (la que formaba la coalición allendista). Tales discursos tenían como objetivo la radicalización de esas otras facciones de la izquierda – hasta entonces confiadas en la legalidad como forma de mantener Allende en el poder – en la dirección de la llamada “vía rupturista” y del camino de las armas para contener los ataques de la derecha.

Palabras clave: Golpe de Estado en Chile; Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR); Nilton Rosa da Silva.

Introdução

Gaúcho de Cachoeira do Sul, Nilton Rosa da Silva partiu para Santiago do Chile em 1971, local onde seria morto quase dois anos mais tarde, no inverno de 1973. Deixou o país natal em meio à repressão da ditadura brasileira, que já havia prendido e torturado diversos colegas e companheiros de militância seus.² No Brasil, teve um histórico ativo no movimento estudantil, tendo integrado a União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas (UGES), em

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em História pela UFRGS. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² No Colégio Júlio de Castilhos, Nilton da Silva foi contemporâneo de duas vítimas bastante conhecidas dos regimes militares na América do Sul: Luiz Eurico Tejera Lisboa, que seria preso e desaparecido em São Paulo em setembro de 1972, e Jorge Alberto Basso, que também se exilaria no Chile, fugindo para Buenos Aires após o golpe de Pinochet e finalmente se tornando um desaparecido político menos de um mês depois do golpe militar argentino de 1976.

1967/68³, época em que frequentou o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Nilton da Silva também tomaria parte nas mobilizações políticas levadas a cabo do outro lado da cordilheira dos Andes. Matriculado no curso de Castelhana do Instituto Pedagógico da Universidade do Chile, o jovem brasileiro passou a integrar as fileiras da Frente de Estudiantes Revolucionarios (FER), um dos braços universitários mantidos pelo Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR).⁴

A morte de Nilton está diretamente ligada à sua filiação política. Em 15 de junho de 1973, data de seu assassinato, o brasileiro participava de uma manifestação pública no centro da capital chilena. Naquela sexta-feira, mineiros em greve marcharam sobre Santiago, exigindo reajustes salariais e outros benefícios. O protesto logo contou com o apoio dos principais partidos de oposição a Salvador Allende, socialista que presidia o país desde setembro de 1970 – e agora se via diante de uma crise econômica e política que culminaria com sua derrubada no golpe liderado por Augusto Pinochet em 11 de setembro de 1973. Contra a passeata dos opositores, os partidos da Unidade Popular (UP), a coalizão governista, convocaram uma manifestação em defesa de Allende, a qual contou também com a participação de militantes ligados ao MIR. Gabriel Salazar resume os acontecimentos daquela jornada:

En solidaridad con los mineros, los estudiantes opositores realizaron numerosas manifestaciones y marchas hacia el Centro. A ese fin utilizaron como base de operaciones la sede del PDC⁵, la Casa Central de la Universidad de Chile y la Universidad Católica. Al apoyarse en esas bases pudieron, en cierto modo, adueñarse de un largo tramo de la Alameda Bernardo O'Higgins. Esto obligó a los gobiernistas a modificar su emplazamiento habitual, trasladando su campo de apoyo a las calles aledañas a La Moneda y a las calles del Centro Comercial. La Plaza de Armas – que no ofrecía bases apropiadas a las masas opositoras – fue desechada como campo de operaciones. [...] Estos cambios determinaron la participación de contingentes obreros (trabajadores municipales y de la construcción del Metro, principalmente) en apoyo a las masas del Gobierno, y el estacionamiento de la policía frente a la sede del PDC, para protegerla de nuevos ataques. La confrontación misma fue esta vez más paritaria, lo que alargó los enfrentamientos, tensó a los policías y preocupó las autoridades,

³ Lisboa (2010, p. 287).

⁴ A FER era uma das chamadas “frentes intermediárias” do MIR, que atuavam em diferentes setores. Também existiam nessa época, subordinados ao MIR, o Movimiento de Campesinos Revolucionarios (MCR), lutando pela reforma agrária; o Movimiento de Pobladores Revolucionarios (MPR), ligado à luta pela moradia; a Frente de Trabajadores Revolucionarios (FTR), atuante no movimento sindical; e, na frente estudantil, além do FER, coexistia ainda o Movimiento Universitario de Izquierda (MUI). A existência das “frentes intermediárias” era explicada por Miguel Enríquez, secretário-geral do MIR, como fruto da diversificação e ampliação do movimento, que originalmente só tivera força entre os estudantes: “Desde 1966 viene cambiando progresivamente la composición de clases en nuestra organización y hoy el panorama es distinto. Surgen cuadros obreros y de pobladores, como asimismo estamos actuando con relativa eficacia en el frente campesino”. Enríquez (1968, p. 3).

⁵ Partido Demócrata Cristiano, uma das principais siglas de oposição a Allende ao lado do Partido Nacional (PN).

que sintieron que la calle podía escaparse definitivamente a su control. De hecho, las nuevas ‘batallas’ dejaron como saldo un muerto (un estudiante que militaba en el FER), cerca de doscientos heridos y contusos y más de una decena de detenidos [...]. Ante esto, el Gobierno decretó Estado de Emergencia para la ciudad de Santiago.⁶

O militante da FER, único morto em meio a mais de duzentos feridos era, precisamente, o brasileiro Nilton Rosa da Silva. Sua morte, pelas mãos da Frente Nacionalista Patria y Libertad (organização ultradireitista que buscava derrubar Allende), causou grande comoção na esquerda chilena e deu um argumento a mais para aqueles que apontavam a possibilidade de um iminente golpe de Estado. Este artigo se debruça sobre as táticas empregadas pelo mirismo na construção de Nilton Rosa da Silva como um mártir da esquerda revolucionária em uma conjuntura de crise. Nas semanas seguintes ao assassinato, em uma tentativa de atrair as militâncias de partidos da UP para a sua retórica radicalizada, o MIR buscava apropriar a imagem de Nilton como um exemplo – um militante heroico cuja luta, a inspirar o restante da esquerda, deveria ser continuada.

Dias de crise: o MIR e a Unidade Popular

Buscando agir de fora da política partidária institucionalizada, o MIR foi a maior organização de esquerda a não integrar a UP. De fato, o mirismo mantinha severas críticas ao modo de ação da coalizão governista, considerando a administração demasiadamente “lenta” nas transformações sociais, ao mesmo tempo em que refutava suas tentativas de diálogo com os “partidos burgueses”. A tática do MIR correspondia a uma interpretação radical sobre a maneira que considerava a única capaz de efetivamente criar uma sociedade revolucionária: respondia à disputa, dentro da esquerda, entre o que Marcelo Casals diferencia entre a “via sistêmica” (hegemônica na UP, encontrando sua força maior no Partido Comunista e no próprio presidente Allende) e a “via rupturista” (a do MIR e de setores da UP que pregavam a necessidade de armar a população, incluindo uma parcela importante do Partido Socialista). Enquanto a primeira defendia “la participación institucional como camino revolucionario adecuado a la realidad nacional”, a segunda construiu planos de ação que tendiam à “destrucción del orden constitucional como condición necesaria para el sistema socialista”.⁷

Apesar das discordâncias, o MIR jamais se constituiu como um opositor de Allende e, de fato, buscou até o final do governo uma aproximação com os setores mais radicalizados da UP, sobretudo aqueles que vinham ganhando força no Partido Socialista (PS) e na Izquierda

⁶ Salazar (2006, p. 275-276).

⁷ Casals (2010, p. 10).

Cristiana (IC). O MIR e outros grupos que defendiam a necessidade de acelerar o processo tentavam provocar uma guinada na direção do que consideravam a verdadeira “esquerda revolucionária”, com o objetivo de dar contornos mais “nítidos” ao projeto do governo, cuja aplicação ainda consideravam apenas “reformista”.⁸ Deste modo, aparecia como necessidade do mirismo angariar simpatias dentro da UP, a fim de viabilizar sua tese, segundo a qual o caminho revolucionário armado acabaria por se mostrar inevitável.⁹ A morte de Nilton da Silva acontece nesse contexto, quando o MIR toma parte em uma manifestação a favor de Allende, ao mesmo tempo em que tenta convencer setores da UP a rever o sentido de sua ação.

O jovem exilado seria apropriado nos discursos públicos do mirismo, que nos dias seguintes procurou incluí-lo em uma narrativa heroica que servisse à causa da organização, no intento de aproximar-se de determinados setores da UP e difundir sua tática entre grupos ligados diretamente ao governo. A tentativa de aproximação incluía uma busca de diálogo com o Partido Comunista (PC), certamente a sigla integrante da UP que mais se opôs a qualquer acordo com o MIR. Para o PC, o governo deveria ser mantido através da viabilização do diálogo com a oposição e, para isso, era necessário afastar-se de um grupo “radical” como o MIR. Ainda em 1961, Luis Corvalán, secretário-geral do PC, havia assinalado que a opção por um caminho “pacífico” não significava abdicar da revolução: “[Corvalán corrigió] a los que hablaban indistintamente de ‘vía violenta’ y ‘vía revolucionaria’, puesto que el camino pacífico, dentro de la concepción comunista, presentaba también un alto potencial revolucionario, en la medida que trataba de alcanzar con diferentes medios el mismo objetivo”.¹⁰

Ao observar o tratamento dado pelo MIR à morte violenta de um militante, e suas apropriações políticas, podemos refletir também sobre as relações entre essa “esquerda revolucionária” e setores mais moderados no momento de grave crise que antecedeu o golpe de Estado no Chile. Falar em Nilton da Silva era, para o mirismo, tentar fazer com que as militâncias – do MIR e dos partidos da UP – encontrassem nele um exemplo, alguém com quem se identificar. O sacrifício de Nilton ajudaria a compreender a posição de combate direto sustentada pelo mirismo, enquanto continuar a luta do brasileiro significaria caminhar pela via da radicalização. Para reforçar essa mensagem, o secretário-geral do MIR, Miguel Enríquez e outros líderes do movimento reiterariam a necessidade de pegar em armas – visto a

⁸ Aggio (1999, p. 37).

⁹ Secretariado Nacional MIR (1970, p. 9-10).

¹⁰ Casals (2010, p. 64).

violência que a direita conservadora estava disposta a empregar, demonstrada de forma tão evidente pelo assassinato de Nilton da Silva.

A importância dada pelo MIR à morte de Nilton Rosa da Silva naquele momento pode ser observada tanto no teor do pronunciamento feito por Miguel Enríquez durante o funeral, celebrado em 17 de junho de 1973, quanto pelo fato de *ter havido* um pronunciamento do secretário-geral da organização. Enríquez relacionou o sacrifício do estudante brasileiro à luta promovida pelo movimento desde sua fundação, em 1965 – e o colocou frente a outros militantes que haviam caído, por razões diversas, ao longo dos últimos anos. Já no final de sua fala, o secretário-geral do MIR mencionaria: “Su nombre se suma entre otros al de los compañeros Arnoldo Ríos, Jorge Fernández, Yolanda Schwartz, Moisés Huentelaf y Luciano Cruz, caídos enarbolando la bandera roja y negra de la revolución proletaria, en la corta vida de nuestra organización”.¹¹

Eram todos militantes jovens, mortos entre 1970 e 1973; na maioria, militantes similares a Nilton da Silva – pouco conhecidos em vida – e alguns haviam morrido não como consequência de um combate direto, mas por acidente. Nenhum deles, com a possível exceção de Luciano Cruz, gerou uma comoção tão grande quanto a que se seguiu à morte do brasileiro, e tampouco o mesmo tipo de resposta por parte das lideranças do MIR. Segundo os documentos do movimento a que tivemos acesso – boa parte dos quais é conservado pelo Centro de Estudios Miguel Enríquez (CEME)¹² –, apenas os funerais de Moisés Huentelaf e Luciano Cruz deixaram algum registro de discursos proferidos pelo secretário-geral. Os dois personagens tinham em comum o fato de serem dirigentes: Huentelaf era um nome importante na luta por terras na região de Cautín, assassinado em confronto com os latifundiários da zona e *Carabineros* em outubro de 1971. Era um dos líderes do MCR. Luciano Cruz, por sua vez, havia sido um dos membros mais proeminentes do MIR e certamente o mais reconhecível entre os citados no discurso proferido durante o funeral de Nilton. Cruz havia morrido acidentalmente em agosto de 1971, aos 27 anos, asfixiado pelo gás que vazou de uma estufa em seu apartamento.

Nilton diferenciava-se de Cruz e Huentelaf por não ser um nome de peso na hierarquia do MIR. Outros membros “anônimos” como ele citados no discurso de Enríquez, a exemplo de Jorge Fernández (que morreu acidentalmente pela detonação de um explosivo que carregava durante uma ocupação de terra, em Cautín) e Yolanda Schwartz (cuja causa da

¹¹ Enríquez (1973, p. 4715).

¹² Organização formada na Suécia por ex-miristas exilados após o golpe a fim de preservar documentos e memórias remanescentes do MIR (que teve suas lideranças dizimadas durante a ditadura), cujo acervo documental está disponível em <http://www.archivochile.com/>

morte não é estabelecida nos documentos que pudemos levantar), não deixaram praticamente nenhum registro no material remanescente do MIR, e seguramente não causaram o mesmo tipo de reação ao morrerem. Arnoldo Ríos, também um militante pouco conhecido em vida, compõe um caso excepcional e mais complexo que os demais: primeiro a morrer entre os citados no discurso de 17 de junho de 1973, ele havia sido assassinado ainda nos primeiros dias do governo de Allende, em dezembro de 1970. Os autores do crime, porém, não pertenciam a qualquer grupo de direita, mas às Juventudes Comunistas, e o ato se deu num confronto entre as militâncias.

O episódio de Ríos reflete as difíceis relações entre o MIR e parte da UP, particularmente o PC. É importante notar que o tratamento dado pelo MIR ao caso foi muito diferente daquele ocorrido após a morte igualmente violenta de Nilton da Silva ou a de Huentelaf. O sentido político, porém, era o mesmo: em nome da “união” da esquerda, a mesma busca quando da apropriação da morte de Nilton, o assassinato de Arnoldo Ríos não fez o mirismo manifestar indignação ou um repúdio veemente contra os comunistas; pelo contrário, a reação à época do assassinato desembocou, em “un llamado a la unidad haciendo resaltar su importancia y el peligro de enfrentamientos entre izquierdistas”.¹³ O diálogo entre o MIR e o PC se tornaria mais difícil nos anos seguintes, com reiteradas negativas comunistas em negociar um acordo, mas o mirismo seguiria buscando, até às vésperas do golpe, esse entendimento já assinalado em 1970 – como se observa na época em que Nilton foi assassinado. Mesmo em fins de 1972, quando a hostilidade entre as partes já havia se amplificado muito em relação à época da morte de Ríos, Miguel Enríquez tocava no tema daquele assassinato com tato, atribuindo o crime a uma “confusão” do “reformismo” sobre quem seria seu inimigo principal – isto é, a adversária do PC não era a esquerda revolucionária apontada como “extremista”, mas a direita conservadora.¹⁴

A violência da morte: o caso de Nilton Rosa da Silva

A morte de Nilton da Silva, porém, tem peculiaridades próprias naquilo que se refere à reação observada dentro do mirismo, e isso vai muito além do fato de ele ser o único estrangeiro a cair – antes do golpe – em nome das cores do movimento. A violência contra Nilton diferencia-se claramente da morte de Cruz por ter ocorrido em um ato de agressão explícita, e não num acidente. A morte do estudante brasileiro também se distingue do assassinato de Ríos e mesmo do de Huentelaf, pois ocorreu durante um ato de franca oposição

¹³ Farías (2000, p. 360).

¹⁴ Enríquez (2004a, p. 204).

ao governo Allende, e não de mera reação às ações do MIR – Ríos caíra numa discordância com outra militância de esquerda; Huentelaf, numa repressão às ocupações de terras realizadas pelo MCR. Distancia-se ainda da morte de Huentelaf por dois aspectos: se o dirigente da frente campesina morrera em mãos relativamente abstratas, as dos “latifundiários e *Carabineros*”, assumiu-se que Nilton foi morto por um movimento político inconfundível, com um programa claro e intenções bem conhecidas de derrubar o governo – o *Patria y Libertad*. Além disso, enquanto Huentelaf morrera em uma região erma do país e lutando ao lado de trabalhadores rurais pobres, Nilton caiu em pleno coração de Santiago, em público, ombreando estudantes. Estes, que compunham a parcela mais numericamente importante do MIR (e eram também uma parte significativa da militância a UP), viam em Nilton uma situação com a qual podiam se identificar. A fotógrafa estadunidense Amy Conger, que registrou o funeral, descreve tal sensação, que teve ao observar e conversar com os militantes que acompanhavam o cortejo: “[a possibilidade de uma] morte súbita tornou-se muito real e pessoal para muitos ali”.¹⁵

Como demonstra Philippe Ariès, o século XX foi aquele no qual a morte se tornou mais escondida em relação a épocas anteriores, gradativamente excluída do espaço público: os moribundos são colocados no hospital, o luto deixou de ser uma condição tão exposta e sustentada por tão longo tempo após o fato, e mesmo a escolha por um local de sepultamento passou a perder espaço, de forma crescente, por processos de cremação que dessem um “fim” definitivo ao morto. “A sociedade já não faz uma pausa, o desaparecimento de um indivíduo não mais lhe afeta a continuidade. Tudo se passa na cidade como se ninguém morresse mais”.¹⁶

Escrevendo em 1955, Goffrey Gorer diagnosticava que, ao longo do século até ali, a morte havia se tornado cada vez mais “pornográfica” no cotidiano da sociedade. Enquanto velhos tabus, como a sexualidade, tornaram-se “mais e mais ‘mencionáveis’, particularmente nas sociedades anglo-saxãs, a morte se tornou mais e mais ‘não-mencionável’ *enquanto processo natural*”.¹⁷ Mas essa “pornografia da morte” tinha um duplo sentido: se era verdade que a morte natural havia adquirido um certo status de tabu, cada vez mais oculta e menos falada, por outro lado, exatamente em função dessa espécie de proibição no discurso cotidiano, uma versão espetacular da morte passou a atrair cada vez mais interesse social, convertendo-se até mesmo em objeto comercial:

¹⁵ Conger (2010, p. 23).

¹⁶ Ariès (2014, p. 756).

¹⁷ Gorer (1955, p. 50).

Enquanto a morte natural se tornou mais e mais asfixiada em pudicícia, a morte violenta assumiu um papel sempre crescente nas fantasias oferecidas às audiências massivas – histórias de detetives, *thrillers*, faroestes, histórias de guerra, histórias de espionagem, ficção científica, e eventualmente, histórias de terror em quadrinhos.¹⁸

Se as produções culturais do século XX deram grande destaque às mortes violentas, elas não apenas ecoavam um interesse que já existia: também passaram a refletir em grande medida esse novo sentimento que escamoteava o passamento natural do espaço público. O tratamento diferenciado conferido às mortes abruptas ressoa com mais força se a extinção inesperada da vida se dá num caso especialmente violento. Isso vale não apenas para mortes que não passam por alguma apropriação política, mas é particularmente útil quando o indivíduo que perdeu a vida passa a integrar um discurso em prol de uma causa – na condição de herói ou mártir.

É evidente que Nilton Rosa da Silva jamais foi apropriado com a intenção de se tornar um herói de caráter nacional, que os aspectos pessoais de sua trajetória importavam muito menos do que a condição de mirista: o que o MIR buscou fazer foi construir a imagem de Nilton como um dos “militantes heroicos” que deram sua vida pela causa defendida pela organização – causa que, naquele momento, incluía a promoção de um programa de radicalização de toda a esquerda (ou de grande parte dela). Enríquez comentou em sua fala durante o funeral do brasileiro: “Nilton Da Silva fue actor, héroe y víctima de esta jornada. Los decididos combates callejeros de la clase obrera y el pueblo y la sangre de Da Silva han frenado y aislado temporalmente la ofensiva reaccionaria”.¹⁹

Se havia algo que um “herói” poderia legitimar, ali, era o discurso político do movimento; se havia alguém a arrebatar, eram sobretudo os outros militantes da esquerda de quem o MIR esperava simpatia, desejando trazê-los do “reformismo” para a “esquerda revolucionária”. Como assinala Osvaldo Torres:

Los partidos u organizaciones políticas también desarrollan sus identidades de acuerdo a quienes pretenden representar, de manera que sean un soporte para el llamado a la acción. La identidad de los partidos políticos es una cuestión crucial, pues define el cómo se ven a sí mismos, cómo buscan ser vistos por la ciudadanía según el programa y métodos que proponen y con quiénes buscan identificarse para obtener esa representación. Esta tríada es dinámica, pues siendo la política una actividad contingente, tanto porque los resultados no dependen exclusivamente de uno de los actores como porque

¹⁸ Gorer (1955, p. 51).

¹⁹ Enríquez (1973, p. 4713).

la sociedad está en permanente cambio, demanda de los dirigentes una actualización identitaria sin abandonar los propósitos colectivamente compartidos. Los factores constitutivos de la identidad partidaria son varios, y cobran distinto valor de acuerdo al período político y la experiencia: *están los muertos y los héroes, las leyendas sobre algunos militantes, las luchas, los métodos de acción y las formas particulares de militar de cada organización*; en definitiva, las vivencias y las formas de procesarlas según la estructura de pensamiento que los constituye.²⁰

A pertinente observação de Torres, que exhibe a apropriação de vários elementos – incluindo os militantes mortos, “heróis” – na construção de uma identidade, soma também um aspecto novo à explicação da importância dada pela organização à morte do estudante brasileiro. Nilton Rosa da Silva mereceu atenção especial do MIR por algo que não se restringia à necessidade do partido de formar um mártir condizente com as suas posições – algo favorecido pela violência da morte e por ela ter vindo nas mãos de um grupo opositor como o Patria y Libertad. Isso é certamente importante, mas não explica as dimensões que o funeral ganhou – tanto em quantidade de presentes (algumas estimativas falam em até cem mil pessoas²¹) quanto em variedade de partidos representados – se não considerarmos a contingência. É precisamente porque a comoção à morte de Nilton foi tão semelhante àquela de Luciano Cruz, dois anos antes, que fica demonstrado o quanto a situação havia mudado ao longo do governo de Allende. Em 1973, a morte de um militante comum rendia uma resposta enfática dos líderes do MIR, e numerosa em termos de multidão, que em 1971 só era conferida a um dirigente do movimento. Em junho de 1973, quando a ameaça de um golpe de Estado, de um “confronto” como o mirismo tanto anunciava, era cada vez mais palpável e temida pela esquerda, o aparecimento de um mártir ajudava a promover a mensagem de radicalização que se tentava alcançar.

De fato, dos outros miristas mortos citados por Miguel Enríquez, o único a gerar uma resposta semelhante dos partidos governistas havia sido Cruz, um indivíduo muito mais conhecido do que Nilton da Silva. Os dois funerais guardam várias similaridades, o que demonstra que tais articulações entre o MIR e a UP já eram manifestadas também pela ação de suas respectivas militâncias, assim como a rebeldia interna de parte dos militantes do PC, que compareceram em solidariedade com seus estandartes, contrariando a posição de não dialogar com o mirismo mantida por suas lideranças partidárias. Ambos os cortejos foram multitudinários e reuniram militantes de todos os partidos da UP – no caso de Cruz, o próprio Allende compareceu às exéquias –, embora nos dois episódios o PC tenha se mostrado

²⁰ Torres (2012, p. 40. Grifo nosso).

²¹ Ellwanger (2012, p. 18).

reticente em se somar de forma incondicional ao luto da esquerda. Em 1971, quando da morte de Cruz, Miguel Enríquez denunciou: após um acordo para velar o corpo do mirista na sede da Central Unitaria de Trabajadores (CUT), as lideranças ligadas ao comunismo teriam se negado a ceder o espaço. O prédio só foi aberto graças a dirigentes da CUT filiados ao Partido Socialista, que assumiram a responsabilidade pela decisão, gerando descontentamento no PC.²² Em 1973, novamente os atritos com os comunistas seriam percebidos, e a revista mirista *Punto Final* lamentaria: “las banderas de los partidos de la Izquierda, con la lamentable excepción de las del Partido Comunista, se inclinaron oficialmente al paso del féretro del revolucionario caído”.²³

Mas, tanto em um caso quanto no outro, o MIR, por meio dos discursos de suas lideranças e dos textos publicados em seus veículos de imprensa, insistiu num tom que pregava a aproximação com o comunismo – se isso não fosse possível através da cúpula, que se tentasse alcançar por meio de uma boa relação com os militantes “comuns”, aqueles sem posição de liderança. Se os dirigentes do PC seguiam distantes, os militantes do partido compareceram aos dois funerais, e em 1973 o mirismo procuraria aproveitar essa situação para insistir na possibilidade de um acordo entre as diversas frentes políticas, em torno de sua plataforma revolucionária. A busca por aproximação já havia sido denotada no funeral de Luciano Cruz. Ao comentar a tentativa de líderes comunistas de barrar o funeral na sede da CUT, Miguel Enríquez procurou adotar uma postura conciliatória:

Estamos seguros que los militantes del Partido Comunista comparten con nosotros el criterio de que la unidad de toda la izquierda para hacer avanzar este difícil proceso y para enfrentar el enemigo fundamental es decisiva. Sabemos que nos acompañan en el dolor ante la muerte de un revolucionario y estamos ciertos que no piensan como se expresaron ayer algunos de sus dirigentes.²⁴

Em 1973, ante a decisão do Partido Comunista de não decretar luto oficial pela morte de Nilton da Silva, novamente o MIR abraçou um discurso que apontava na direção de um acordo entre as partes, voltado à militância do principal partido que resistia a dialogar com o mirismo. Desta vez, inclusive, pelo agravamento das tensões sociais e a gravidade crescente do temor por um golpe, essa união da esquerda era encarada pelo MIR como fundamental para qualquer vitória futura. No texto sobre o assassinato do brasileiro publicado pela *Punto Final*, o posicionamento de Enríquez dois anos antes era emulado:

²² Enríquez (1971, p. 15).

²³ Santa Cruz (1973, p. 8-9).

²⁴ Enríquez (1971, p. 15).

La incomprensible actitud de los dirigentes del PC, sin embargo, no fue compartida por sus bases y los obreros comunistas se confundieron con los obreros del MIR y del resto de la Izquierda chilena, para expresar el dolor de un pueblo que vio caer a un hijo, nacido en otra tierra, pero incorporado a él en duras jornadas de lucha.²⁵

Apesar de tantas semelhanças, há uma grande diferença entre as reações à época da morte de Cruz e às do momento em que Nilton foi assassinado. Como apontamos anteriormente, o funeral de Nilton recebeu um tipo de resposta que, antes, só havia sido destinado a uma liderança partidária muito conhecida. Essa distinção, insistimos, residia sobretudo nas mudanças que os dois anos entre uma morte e outra haviam provocado no que diz respeito ao cenário político e às crises sociais e econômicas vividas pelos chilenos, agravadas rapidamente desde 1971 até 1973, sem trégua até o golpe. Se com Luciano Cruz a solidariedade demonstrada tinha muito a ver com o fato de se tratar de um personagem público que ocupava um papel de dirigente, com Nilton da Silva a comoção observada não se originava de nenhuma dessas situações. A participação das militâncias não-miristas no funeral de Nilton, contrariamente ao de Cruz, dava-se menos pela própria pessoa que havia morrido do que pela luta política que então se travava – respondia-se, quando da morte do brasileiro, não apenas ao assassinato, mas à relação dele com o momento de crise política sentido por todos.

Um personagem unificador

O ensaio de aproximação do MIR para com os partidos da coalizão governista pode ser percebido desde a vitória de Allende: se inicialmente havia uma busca por se diferenciar até mesmo na escolha do nome (recusando-se a ser um “Partido”²⁶), o mirismo pós-1970 tentaria não se apartar mais tão claramente da esquerda “tradicional”. De fato, tentaria até mesmo a construção de uma “unidade” que superasse a fase “reformista” (ou “pré-revolucionária”, nos termos leninistas que a organização usava para definir o momento histórico do país).²⁷ Essa posição é demonstrada por um discurso proferido pelo secretário-geral do movimento, Miguel Enríquez, em março de 1973:

²⁵ Santa Cruz (1973, p. 9).

²⁶ Eugenia Palieraki (2014, p. 91-92) ressalta que a opção por “Movimento” não era apenas com o objetivo de exibir uma diferença em relação às siglas “tradicionalistas”: também remetia às origens sindicais do MIR, “ya que el sindicalismo siempre tuvo una certa desconfianza en los partidos”; fazia ainda uma referência aos “movimentos sociais” e ao “Movimiento 26 de Julio” dos revolucionários cubanos. Convém ainda recordar que a sigla MIR tampouco era inédita, existindo grupos com esse mesmo nome – anteriores ao chileno – atuando em território boliviano, peruano e venezuelano.

²⁷ TORRES (2012, p. 171).

[...] cuando los reformistas dicen que lo que persiguen algunos sectores que nosotros agrupamos en lo que llamamos la izquierda revolucionaria es dividir la UP y a la clase obrera, la verdad es que no es así. Los únicos que están dividiendo organizaciones hoy día son los reformistas. Es necesario que se entienda definitivamente que hay dos políticas en la izquierda y esas dos políticas tienen que expresarse en el terreno de la lucha ideológica y tienen el derecho y el deber de hacerlo. Lo importante es hacerlo sobre la base de no buscar la división, sino fundamentalmente imponer una política, hacer que predomine una política sobre la otra, tal como hoy ha predominado la reformista, imponer en el futuro que se pueda predominar la revolucionaria. Se trata de levantar la unidad de los revolucionarios.²⁸

É importante ter presente que termos como “unidade” e “união” da esquerda são empregados pelo MIR para se reportar às tentativas de aproximação com a UP – no entanto, quando se fala nesses termos, o que o movimento pretende não é exatamente uma conformação geral de toda a esquerda, em nome da qual os miristas estariam dispostos a ceder em alguns dos aspectos mais radicais de seu programa. A “unidade” almejada pela organização era a atração de setores radicalizados do governo para que atuassem *dentro* das posturas defendidas pelo MIR, superando as atitudes e táticas que o grupo considerava “reformistas”.

Isso ajuda a compreender a resistência do Partido Comunista em um diálogo com o MIR, convertendo-se na principal sigla da UP a jamais se aproximar oficialmente do grupo de Miguel Enríquez – uma aproximação do PC com o mirismo se daria somente pela ação direta de militantes, como aqueles que apareceram no funeral de Nilton da Silva, mas nunca por uma política oficial. Atrair essa militância solidária, porém, constituía o projeto do MIR. As críticas que as lideranças miristas não poupavam ao “reformismo”, que julgavam estar representado no PC, eram sempre direcionadas aos líderes deste partido, sendo clementes com os militantes, como num reconhecimento respeitoso de que, sem os comunistas, uma articulação ampla da esquerda era simplesmente impossível. Essa tentativa de atingir as outras militâncias, enfim, reflete-se na própria construção heroica de Nilton da Silva, que não se restringe a símbolos miristas. Enríquez coloca o nome do brasileiro ao lado de outros militantes mortos do movimento, é verdade, mas também o adiciona num panteão de outras lutas pluripartidárias – algumas delas muito anteriores ou alheias ao MIR – bastante caras a

²⁸ ENRÍQUEZ (2004b, p. 228). Esse discurso se relaciona também a outra mudança tática que o MIR fez, nos meses anteriores do golpe, em busca de se aproximar com alguns partidos que compunham a UP: Enríquez analisa, nessa fala, os resultados das eleições parlamentares de março de 1973 (as últimas eleições no Chile antes do fim do mandato de Allende, previsto para 1976). Nelas, pela primeira vez, o MIR chamaria seus militantes às urnas, orientando a votar em candidatos endossados pela sua direção: nomes ligados ao PS e à IC.

toda a esquerda chilena: “El nombre de Nilton Da Silva se suma al de los mártires de Santa María, La Coruña, San Gregorio, Ranquil, Dos de Abril, Pampa Irigoyen y tantos otros”.²⁹

Enríquez, assim, alocava o militante morto num nível acima, externo ao próprio mirismo, irmanando-o com outras narrativas da luta da esquerda e da repressão violenta sofrida em diferentes momentos do passado, alinhando-o junto a histórias que eram sempre recordadas por socialistas e comunistas – pela UP em geral. “Santa María”, por exemplo, fazia referência ao massacre de operários da indústria do salitre ocorrido na Escola Santa María de Iquique, em dezembro de 1907. Na ocasião, milhares de trabalhadores – muitos deles peruanos e bolivianos, oriundos das regiões desérticas anexadas pelo Chile após a Guerra do Pacífico (1879-1883) –, reclamando por melhores condições de emprego e vida, organizaram uma greve geral e partiram para a cidade portuária de Iquique. Concentrados na escola à espera de uma negociação com as autoridades, foram violentamente reprimidos por forças militares, com um saldo de mais de 2 mil mortos. Mas as referências de Miguel Enríquez avançavam no tempo, trazendo à tona outros episódios ainda mais recentes, presentes na memória dos jovens militantes. “Pampa Irigoyen” era um desses casos: a repressão a uma ocupação de terreno promovida pelo movimento de *pobladores* na Pampa Irigoyen – nos arredores da cidade de Puerto Montt –, em 1967, quando dez pessoas foram mortas pelos *Carabineros*.

Essa busca por relacionar o sacrifício de Nilton da Silva durante uma marcha de apoio ao governo de Salvador Allende com outras vítimas de lutas de esquerda, não diretamente ligadas ao MIR, também aparece nas páginas da *Punto Final*. Eduardo Santa Cruz, autor da matéria sobre a morte de Nilton, procura ligar o assassinato – pelas mãos do Patria y Libertad – com o de um militante comunista morto pouco tempo antes, em abril de 1973, por membros do Partido Demócrata Cristiano (PDC): “[Nilton] salió a las calles al llamado de la clase obrera y el pueblo y allí, en una emboscada artera y criminal, cayó asesinado, por las mismas balas que un tiempo atrás mataron al obrero comunista Ricardo Ahumada”.³⁰

Mas a preocupação do mirismo não se restringe em colocar o seu militante morto ao lado das narrativas cultuadas pelos partidos da UP. Aproveitando a condição de estrangeiro exilado de Nilton e a solidariedade internacional despertada pelo crime, bem como parte da produção poética do brasileiro, o MIR também procurou posicionar o estudante do Instituto Pedagógico dentro de um discurso internacionalista, comparando sua luta àquela de outros movimentos revolucionários latino-americanos com os quais a organização se identificava.

²⁹ Enríquez (1973, p. 4715).

³⁰ Santa Cruz (1973, p. 8).

Na *Punto Final* também foi impresso um poema escrito pelo brasileiro enquanto vivia no Chile. Os versos foram retirados do livro *Hombre América*, que ele havia publicado no primeiro semestre de 1972 em uma edição mimeografada, pouco tempo depois de se filiar ao MIR.³¹ O que aparecia na revista era possivelmente o texto mais relacionado ao discurso da luta continental entre os nove que compunham o livro: tratava-se do “Poema V”, cujos versos relacionavam a luta contra a ditadura deixada para trás no Brasil com aquela levada a cabo no restante da América. Já nas estrofes finais, Nilton havia escrito:

El mañana de américa es uno solo...
en el mañana tendremos en américa,
un gigante despierto,
un gigante que cubrirá de alegría y calor,
a los explotados de este continente.

Mi patria entonces no será mi patria,
yo ya no seré el increado,
el ser sin patria,
seré el ser de américa.

Mi patria será la patria de todos,
ya no habrá un gigante
que duerme en américa virgen...

Porque en el mañana
habrá una américa despierta y única.³²

A escolha desse poema estava longe de ser uma casualidade. Os versos de *Hombre América* geralmente fazem uma forte referência à situação do Brasil, que então vivia sob a ditadura militar – o prólogo do livro chega a conter uma menção explícita ao oitavo aniversário do golpe de 1964 –, e nem todos os textos do livro trazem o mesmo teor do “Poema V”. Ao escolher esses versos, *Punto Final* deliberadamente oferecia um argumento a mais para colocar Nilton Rosa da Silva como o “combatiente internacionalista” que procurava construir. A revista diz: “Como lo expresara en su poesía, [Nilton] entendió que su patria no era sólo Brasil, sino que su patria era más amplia, era la patria de los explotados”.³³ Deste modo, são apresentados outros elementos que associam o sacrifício de Nilton à ampla luta promovida pela esquerda latino-americana. Sob o entretítulo sugestivamente denominado “Por el camino del Che”, lê-se nas páginas da *Punto Final* a comparação da atuação militante

³¹ Para uma análise mais detida dos poemas de Nilton Rosa da Silva contidos em *Hombre América*, ver Brum (2015).

³² Silva (1972, s.p.).

³³ Santa Cruz (1973, p. 8).

do brasileiro com a de outros nomes muito mais afamados na lista de heróis revolucionários lembrados através da América Latina:

Con esto, la Revolución Brasileña, como la Revolución Chilena y, más aún, la Revolución Continental perdió un combatiente. Los oprimidos de América, tiene hoy un nuevo punto de referencia en su larga marcha hacia el Socialismo. En esta larga marcha en que cayeron los hermanos Peredo, Yon Soza, Turcios Lima, Elmo Catalán, Camilo Torres, los mártires de Trelew, Luciano Cruz, Carlos Marighela [sic], Carlos Lamarca y el Guerrillero Heroico, Ernesto Che Guevara; en fin, miles de combatientes que asumieron su condición de revolucionarios internacionalistas con todas sus consecuencias y dieron a su existencia un significado superior.³⁴

A apropriação do brasileiro morto como um novo símbolo das muitas lutas da esquerda chilena e latino-americana se completará com as várias menções ao seu nome nos discursos das lideranças miristas, tanto no dia do funeral quanto em pronunciamentos realizados nos dias que se seguiram àquele domingo. Já no enterro, Enríquez havia destacado: “Miembro del MIR y militante de la revolución latinoamericana, [Nilton] fue acibillado cuando sin más armas que sus puños combatía junto a los trabajadores las bandas patronales que asolan periódicamente las calles de Santiago”.³⁵ Além disso, “sin haber nacido en este país, derramó su sangre por la clase obrera, los pobres y los oprimidos de Chile”.³⁶

Como reforçava o secretário-geral da organização, essas lutas que a morte de Nilton simbolizava deveriam avançar seguindo o entendimento que o MIR tinha para enfrentar o golpismo e a violência dos opositores do governo Allende – uma leitura do contexto que sempre foi exposta nos discursos em que Nilton da Silva foi alguma vez mencionado. Durante o funeral, Enríquez havia comentado significativamente: “No existe mayor homenaje a la muerte de un revolucionario que extender e impulsar las ideas por las que ofrendó su vida”.³⁷ A morte de Nilton da Silva, insiste Enríquez, e a grande resposta que havia provocado, não podia se encerrar na comoção do dia: deveria ser um ponto de partida “de una contraofensiva revolucionaria y popular que aplaste en definitiva la agresión patronal, que termine con los intentos de colaboración de clases y que permita dar un gran salto revolucionario hacia adelante”.³⁸

Tratava-se, assim, de aproximar a esquerda revolucionária dos setores moderados simpáticos a suas ideias, mas num tom distante daquele que desejavam os setores da UP que

³⁴ Santa Cruz (1973, p. 8).

³⁵ Enríquez (1973, p. 4712).

³⁶ Enríquez (1973, p. 4712).

³⁷ Enríquez (1973, p. 4713).

³⁸ Enríquez (1973, p. 4713).

ainda buscavam o diálogo com a oposição: terminar com os intentos de colaboração de classe implicava reconhecer que um golpe promovido pela oposição já era uma possibilidade incontornável, que, portanto, qualquer negociação com esses grupos estaria fadada ao fracasso, de modo que o processo deveria ser radicalizado. Assim, ao mesmo tempo em que pregava a aproximação do mirismo com os partidos governistas – frente à audiência de milhares de militantes da UP –, o secretário-geral do MIR também acabava expondo o tipo de argumento que provocava tanta resistência nos setores que ele chamava de “reformistas”. Enríquez, em suma, opunha-se a qualquer concessão aos setores opositores, alegando que a busca por uma concordância sobre o rumo a seguir deveria ocorrer dentro da esquerda, e não com os “partidos burgueses”:

Las recientes jornadas obreras y estudiantiles en Santiago y el sacrificio de nuestro compañero Da Silva han evidenciado cuánta es la fuerza que aún conserva el pueblo y su enorme capacidad de lucha. A pesar de ello, algunos se tientan por buscar salidas políticas, que marcadas por el sello de la conciliación y la concesión, por no respetar los intereses de la clase obrera y el pueblo, por no estar apoyadas en una poderosa movilización de masas, están inevitablemente condenadas al fracaso.³⁹

Diante das repetidas negativas de diálogo dos comunistas, Enríquez chamaria o PC de “sectário” em outras ocasiões. Estes, por sua vez, acusariam o MIR de volta: chamavam-no de “sectário”, na medida em que o movimento se negava ao diálogo com os partidos que compunham a oposição à UP. De todo modo, a existência de trechos assim no pronunciamento do líder mirista também evidencia o quanto havia se modificado desde o primeiro ano de governo de Allende. No funeral de Luciano Cruz, em 1971, muito embora a fala de Enríquez tenha exposto algo do pensamento político do MIR, uma parcela importante de seu discurso destinou-se a falar da vida e da atuação pessoais do dirigente morto. No caso de Nilton, em certa medida pelo fato de o brasileiro não ser um amigo pessoal de Miguel Enríquez (como Cruz era), mas em boa parte também devido à necessidade do momento que levava a insistir na mensagem política, quase todo o discurso proferido no funeral tratou de fazer propostas sobre as maneiras de proceder diante de uma nova investida violenta da oposição:

A partir del lunes abramos la discusión sobre todo esto, en asambleas, fábricas, fundos, poblaciones, liceos, universidades y Comandos Comunales. Desarrollemos las tareas de vigilancia, extendamos el paro a todo Chile,

³⁹ Enríquez (1973, p. 4713).

impulsemos la lucha directa de las masas, respondamos cada agresión patronal con una movilización aún más contundente.⁴⁰

A apropriação da imagem de Nilton e sua relação com as lutas desejadas pelo MIR, bem como a tarefa de “unir” a esquerda em torno desse projeto pregado pela organização de Enríquez, seguiria ocorrendo nos dias seguintes. Em 20 de junho de 1973, a quarta-feira que se seguiu ao enterro do brasileiro, e véspera de uma grande paralisação operária convocada em todo o Chile para se opor ao golpismo – em resposta à marcha opositora da sexta-feira 15 –, o exilado morto é outra vez mencionado, desta vez por Nelson Gutiérrez, dirigente que compunha a Comissão Política do MIR. Em um discurso emitido por rádio, Gutiérrez fala que a posição do movimento já havia sido anunciada num ato realizado pelo partido no dia 14, e reiterada nos funerais de Nilton da Silva, referido como um “camarada [...] caído en combate en la gloriosa jornada obrera de Santiago”.⁴¹ O pronunciamento dessa quarta-feira procurou alertar sobre o que o movimento denominava uma nova escalada dos partidos de direita contra os movimentos de trabalhadores, naquela que – segundo o MIR – seria a “ofensiva final” para esmagar o povo e derrubar o governo.

“Lo decisivo”, argumenta Nelson Gutiérrez, “es cómo se articulará la respuesta de la clase obrera y el pueblo frente a esta situación”.⁴² Falando em nome do movimento, o dirigente mirista passa a expor as propostas de sua organização para aquilo que o povo e a esquerda deveriam fazer no sentido de evitar que setores reacionários resultassem vitoriosos nessa ofensiva. Gutiérrez repisa que a classe operária e o povo estão “cansados” e “desanimados” pelas “políticas defensivistas” levadas adiante pelo “reformismo” da Unidade Popular e do governo. Devia-se, com isso, superar os setores mais moderados da UP que insistiam num acordo fadado ao fracasso com a oposição, e atrair os grupos revolucionários presentes no governo para adotar o programa radicalizado que o MIR expunha: esse “Programa Revolucionario del Pueblo” incluía negar qualquer tentativa de conciliação com os partidos opositores ao governo, desenvolver uma aliança “correta” com as Forças Armadas de modo a neutralizar sua utilização pela direita, intensificar as expropriações de empresas e de terrenos agrícolas, e finalmente desenvolver o “poder real” através da criação e fortalecimento de “Comandos Comunales de Trabajadores” e “Consejos Comunales Campesinos”, que deveriam ser órgãos representativos e deliberativos, atuando como alternativas do povo às instituições políticas existentes, dominadas pelos “partidos burgueses”. Além disso, a

⁴⁰ Enríquez (1973, p. 4715).

⁴¹ Gutiérrez (1973, p. 4716).

⁴² Gutiérrez (1973, p. 4718).

paralisação nacional prevista para a quinta-feira, dia 21, como resposta às manifestações de oposição, deveria marcar o início de uma grande “contraofensiva popular”.⁴³

Em poucos dias, os discursos do MIR se tornariam ainda mais enfáticos ao insistir por uma ação popular direta. Ao mesmo tempo, as menções a Nilton da Silva seriam gradativamente deixadas de lado, na esteira dos violentos fatos que se seguiram: se antes era necessário um “herói” para expor até onde a oposição estava disposta a chegar em seus protestos contra o governo, agora havia um argumento muito mais contundente que não deixava dúvidas do risco de permanecer sem uma organização para enfrentar o golpe – em 29 de junho de 1973, exatas duas semanas após a morte do brasileiro, o Regimento Blindado Número 2 realizou sua quixotesca sublevação militar, solitariamente, levando seus tanques para as cercanias do palácio de governo. Apesar de não contar com apoio de nenhum outro ramo das Forças Armadas e atuar à parte da conspiração golpista que se tramava⁴⁴, o levante – que ficou conhecido como *Tanquetazo* – tinha a explícita intenção de derrubar o governo. O golpe frustrado deixou um pesado saldo de 22 mortos durante os bombardeios e trocas de tiros entre os golpistas e os militares que defendiam o governo. As próximas falas do MIR e da esquerda estariam marcadas pela certeza de que um golpe não era apenas um risco hipotético.

A sublevação fracassada de 29 de junho demonstrou uma tendência que se repetiria em 11 de setembro: a esquerda tinha organizadas certas táticas de resistência moral, como a ocupação dos locais de trabalho, mas inexistia uma grande articulação de defesa armada do governo, como o MIR desejava.⁴⁵ Na próxima vez em que o nome de Nilton da Silva fosse recordado em um discurso do MIR, já à sombra da tentativa derrotada de golpe, a fala estará marcada pelo sentimento de que a “união” pretendida ainda não havia sido alcançada – a qual parecia cada vez mais difícil de se atingir, visto que o impasse interno da esquerda seguia apesar de a oposição se mostrar cada vez mais virulenta. O brasileiro voltará a ser citado em 17 de julho, exatamente um mês após seu funeral, em um dos discursos mais famosos de Miguel Enríquez, proferido no Teatro Caupolicán de Santiago e retransmitido por rádios de esquerda para todo o país. Nesta fala, intitulada nas versões transcritas da época como

⁴³ Gutiérrez (1973, p. 4718-25).

⁴⁴ González (2012).

⁴⁵ O próprio Augusto Pinochet (1980, p. 97-98), analisando os acontecimentos, relataria o quanto o *Tanquetazo* ajudou a chamar a atenção para a falta de um respaldo paramilitar ao governo na resistência a um levante das Forças Armadas: “[aunque desconcertante, el *Tanquetazo*] fue el mejor servicio de exploración de que se pudo disponer para detectar, en primer lugar, el grado de disciplina y jerarquía que tenía la Institución para actuar contra elementos subversivos; en seguida, para conocer el dispositivo que tenían las fuerzas paramilitares de los marxistas para actuar contra las tropas, y, por último, que la reacción y el respaldo del pueblo, ante un llamado del Sr. Allende en contra de las Fuerzas Armadas y de Orden, era un simple mito”.

“Vivimos un momento histórico fundamental”, o secretário-geral do MIR sustenta que a oposição a Allende tenta conquistar os “sectores más vacilantes de la izquierda, sembrando en ellos ilusiones en acuerdos posibles” com a oposição.⁴⁶

Enríquez volta a denunciar o Partido Nacional (PN) e o Partido Demócrata Cristiano (PDC), principais siglas opositoras, e reforça o posicionamento do mirismo, segundo o qual não é possível haver um diálogo com esses setores, pois se tratam de grupos que se escondem atrás da ideia de uma “falsa democracia” para proteger seus interesses: “Defienden esa democracia que mata por hambre y miseria a millones en el mundo entero. Defienden esa democracia que no es democracia, sino dictadura burguesa y patronal”.⁴⁷ Finalmente, o líder do mirismo volta a apontar na direção do “Programa Revolucionario” que seus correligionários vinham divulgando, insistindo na necessidade de criar os comandos e conselhos populares, intensificar a ação direta e acelerar as expropriações e confiscos pelo Estado, mesmo que isso fosse contra a legislação existente – atuar dentro da legalidade continuava a ser uma das bases da postura pregada por Salvador Allende e, dentro da UP, defendida principalmente pelo Partido Comunista. Enríquez nega o “extremismo” de suas propostas alegando que violar a legislação existente não é mais do que contrariar os interesses de classe de setores representados pelo PN e pelo PDC:

Dirán los reaccionarios que esto es transgredir las leyes, la Constitución y el Derecho. Sí que lo es. Las constituciones expresan intereses de clase y correlaciones de fuerza. Aquí en Chile la clase obrera está levantando en la práctica sus propias leyes y la Constitución tendrá que cambiar en favor del pueblo.⁴⁸

O discurso irradiado desde o Teatro Caupolicán procura recordar a necessidade de encerrar qualquer negociação com os partidos opositores, insistindo na lembrança dos atos de violência recentes, que incluíam a morte de Nilton da Silva, cuja menção foi saudada por um grito de “presente!” vindo da audiência. O brasileiro seguia sendo o mais recente militante de esquerda morto pelas mãos de grupos que buscavam a derrubada de Allende:

Fueron grupos armados del Partido Nacional con la venia del freísmo⁴⁹, los que hace quince días bombardearon la Moneda, asesinaron a Moisés

⁴⁶ Enríquez (2004c, p. 264).

⁴⁷ Enríquez (2004c, p. 264).

⁴⁸ Enríquez (2004c, p. 265).

⁴⁹ Referência aos seguidores de Eduardo Frei, presidente da República entre 1964 e 1970 e ainda um dos principais nomes do PDC, amplamente considerado pela esquerda como um dos principais responsáveis pelo avanço de ideias golpistas.

Huentelaf en Cautín, al obrero [comunista Ricardo] Ahumada desde el local del Partido Demócrata Cristiano, son los que han puesto centenares de bombas en los últimos días, los que asesinaron a un general en 1970, los que ametrallaron a nuestro compañero Nilton da Silva en Santiago. Qué hipocresía y qué cinismo la de estos politicastos que denuncian y exigen la represión al pueblo para ocultar sus propios crímenes.⁵⁰

Todavía, havendo passado exatamente um mês entre esse discurso e aquele proferido no funeral de Nilton da Silva, ficava explícito nas palavras de Miguel Enríquez que o plano de atrair outros setores da esquerda em torno do programa apresentado por seu partido não vinha tendo resultados. Esta seria a grande dificuldade que se estendeu até o momento do golpe: apesar das aproximações evidentes com setores da UP, o MIR jamais alcançou a representatividade desejada – fosse no espaço público, fosse em termos de membros conquistados dentro da coalizão governista –, e nunca conseguiu concretizar a articulação que tanto buscou.

Considerações finais

Se a morte de Nilton Rosa da Silva expunha que boa parte das militâncias eram solidárias entre si e possivelmente favoráveis a um acordo que permitisse enfrentar em bloco a crise e a violência da oposição – um acordo não necessariamente nos termos do MIR –, o discurso de Enríquez um mês depois do assassinato do brasileiro denota que nenhuma aproximação estava em vias de se concretizar. Mesmo com o flerte entre as várias esquerdas, a almejada organização de táticas e projetos jamais se efetivaria em torno de um caminho comum. Naquela altura, já seria tarde demais para outras negociações: menos de dois meses depois, em 11 de setembro de 1973, o golpe viria para esmagar as mais diversas táticas que a esquerda tentou empregar para sair do impasse.

Na fala de 17 de julho, no Teatro Caupolicán, o secretário-geral do MIR começara saudando a presença de “compañeros de otras organizaciones políticas” no local a fim de assistir ao seu pronunciamento.⁵¹ Enríquez não os citou nominalmente⁵², mas provavelmente se referia aos grupos com os quais o MIR vinha dialogando melhor: parte dos socialistas, do Movimiento de Acción Popular Unitaria (MAPU) e da Izquierda Cristiana (IC). Parece um sinal positivo, mas em seguida ele expõe as dificuldades de chegar a um acordo com os setores governistas que ignoram o projeto da “esquerda revolucionária” precisamente porque

⁵⁰ Enríquez (2004c, p. 264).

⁵¹ Enríquez (2004c, p. 261).

⁵² Uma menção nominal havia ocorrido na fala de Enríquez em janeiro daquele ano, quando se referiu à presença de Bosco Parra, secretário-geral da IC, e de Carlos Altamirano, secretário-geral do PS. Enríquez (2004b, p. 208) se refere à presença deles como “un paso más en el largo camino para unir a los revolucionarios”.

acreditam mais na possibilidade de negociar com a oposição: “hay también otros en la izquierda que han pretendido cuestionar el derecho del MIR a proponer una táctica a las masas”.⁵³ Enríquez prossegue, garantindo: seu discurso detalha o caminho que seu movimento propõe para toda a esquerda, e esta seria a posição que o mirismo seguiria, não importando a opinião dos demais. O tom conciliador do funeral de Nilton da Silva desaparecera definitivamente: o MIR deixava claro que avançaria em tal tática independentemente do que os outros pensassem – “les guste o no les guste a las clases patronales y a los vacilantes”.⁵⁴

De certo modo, tratava-se de uma admissão da enorme dificuldade de conseguir harmonizar os discursos, de uma constatação do insuficiente avanço que se havia realizado no sentido de uma concordância em torno da necessidade de pegar em armas. Na encruzilhada da UP entre os que defendiam a radicalização definitiva e a parcela que atuava em nome da manutenção da via democrática, trabalhando a oposição, este último setor mostraria mais força. A tentativa de negociar com o PDC prevaleceria até o final, em detrimento de projetos considerados “extremistas”, que tinham no MIR o exemplo mais pungente. Aqueles a quem Enríquez chamava pejorativamente de “vacilantes” estavam em maior número, e a fé na legalidade se revelou inclusive na manhã do 11 de setembro, quando quase não houve resistência armada por parte dos partidos membros da UP. Salvador Allende e a UP, impulsionada sobretudo pelos comunistas, seguiriam buscando uma saída dentro da política e da institucionalidade, deixando o mirismo praticamente sozinho em sua tática de resistência por meio da ação popular direta. Tanto na legalidade quanto nas armas, porém, a esquerda dividida se veria integralmente derrotada por uma ditadura que duraria dezessete anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGGIO, Alberto. *Frente Popular, Radicalismo e Revolução Passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, 1999.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. São Paulo: UNESP, 2014.

⁵³ Enríquez (2004c, p. 261).

⁵⁴ Enríquez (2004c, p. 261).

BRUM, Maurício Marques. “Hoy soy pueblo”: a poesia militante de Nilton Rosa da Silva, um brasileiro exilado no Chile de Salvador Allende. *Estudios Históricos*, Rivera, año VII, n. 14, p. 1-27, julio 2015.

CASALS ARAYA, Marcelo. *El alba de una revolución*. La izquierda y el proceso de construcción estratégica de la “vía chilena al socialismo”. 1956-1970. Santiago de Chile: LOM, 2010.

CONGER, Amy. *Nilton da Silva Rosa, June 17, 1973, Santiago: “We Don’t Forget the Color of Blood”*. Telluride: Nolvado Press, 2010.

ELLWANGER, Raul. Chile: 11 de setembro de 1973. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 set. 2012, p. 18.

ENRÍQUEZ, Miguel. Jefe del MIR saca la cara (entrevista de Manuel Cabieses Donoso). *Punto Final*, Santiago de Chile, n. 53, 23 abr. 1968, p. 2-4.

ENRÍQUEZ, Miguel. Luciano: ¡Hasta la victoria siempre! *Punto Final (Documentos)*, Santiago de Chile, n. 138, 31 de agosto de 1971, p. 12-15.

ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS, Víctor. *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000, p. 4712-4715.

ENRÍQUEZ, Miguel. Intervención en el foro organizado por el Secretariado Nacional de Cristianos por el Socialismo (Noviembre 1972). In: NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004a, p. 189-205.

ENRÍQUEZ, Miguel. Análisis del resultado electoral, perspectivas y tareas (10 de marzo de 1973). In: NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004b, p. 221-236.

ENRÍQUEZ, Miguel. Vivimos un momento histórico fundamental. Discurso em el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. In: NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004c, p. 261-269.

FARÍAS, Víctor. *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000.

GONZÁLEZ, Mónica. *La Conjura*. Los mil y un días del golpe. Santiago de Chile: Catalonia, 2012.

GORER, Geoffrey. The Pornography of Death. *Encounter*, London, v. 5, n. 4, 1955, p. 49-52.

GUTIÉRREZ, Nelson. “Comisión Política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR): Discurso por radioemisoras (20 de junio de 1973)”. In: FARÍAS, Víctor. *La Izquierda*

Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000, p. 4716-4725.

LISBÔA, Susana Keniger. Anexo II – Rio Grande do Sul: Militantes Mortos e Desaparecidos. In: PADRÓS, Enrique Serra *et al.* (org.). *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória*, v. 2, Repressão e Resistência nos “Anos de Chumbo”. Porto Alegre: Corag, 2010, p. 267-301.

NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria. Santiago de Chile: LOM, 2004.

PALIERAKI, Eugenia. *¡La revolución ya viene! El MIR chileno en los años sesenta*. Santiago de Chile: LOM, 2014.

PINOCHET, Augusto. *El día decisivo: 11 de septiembre de 1973*. 4. ed. Santiago de Chile: Andrés Bello, 1980.

SALAZAR, Gabriel. *La violencia política popular en las “Grandes Alamedas”*. La violencia en Chile 1947-1987 (Una perspectiva histórico popular). Santiago de Chile: LOM, 2006

SANTA CRUZ, Eduardo. El fascismo mató a combatiente brasileño. *Punto Final*, Santiago de Chile, n. 187, 3 de julio de 1973, p. 8-9.

SECRETARIADO NACIONAL MIR. El MIR y el resultado electoral. *Punto Final (Documentos)*, Santiago de Chile, 13 de octubre de 1970, p. 1-10.

SILVA, Nilton Rosa da. *Hombre América*. Poesía. Santiago de Chile: mimeo., 1972.

TORRES, Osvaldo. *Democracia y Lucha armada*. MIR y MLN-Tupamaros. Santiago de Chile: Pehuén, 2012.

Artículo recibido: 2 de mayo de 2016

Artículo aprobado: julio de 2016

Publicado: Diciembre de 2016